

DEFESA DE ESPINHO

DIRECTOR: FERNANDO BARRADAS

FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS

13 de Julho de 1979 — ANO 48.º — N.º 2466 — Preço 6\$00

EDITORIAL

O FAZ-TUDO

POR FERNANDO BARRADAS

Já foi chefe de qualquer coisa, director de não sei quê, secretário de isto, presidente daquilo, organizador, conselheiro, descolonizador e fez parte de incontestáveis comissões.

Até já foi, vejam lá, ministro!

Vitor Alves é, de facto, um faz-tudo.

Sem ofensa, é evidente, para o tenente-coronel Vitor Alves.

Nem para os faz-tudo...

Poucos cargos há, dos que a Revolução trouxe (e alguns há-de levar), que não tenham sido ocupados pelo senhor Vitor Alves.

Sobrevivendo a Palma Carlos, ao Spínolismo, ao Gonçalvismo, ao Soarismo, esgueirando-se entre golpes e contra-golpes, Vitor Alves conseguiu chegar até aqui com o fôlego suficiente para tentar uma nova experiência, um novo cargo, um novo, pois claro, sacrifício.

Vitor Alves é porta-voz do Conselho da Revolução.

Uma coisa que até agora fez muito pouco, vai ser, forçosamente, obrigado a fazer muito: a falar. Sim, que Vitor Alves, sempre falou pouco.

Dos seus tempos de MFA pouco sabemos.

Esteve metido na descolonização, andou de acordo em acordo, cimeira em cimeira, pacto em pacto, e pouco disse.

Foi ministro da Educação quase em silêncio.

É desde há anos o organizador das festinhas do 10 de Junho e raramente nos fala sobre isso. Lá vai de país em país, abnegadamente, esgotando-se em viagens e hotéis, hotéis e viagens, comendo e bebendo mal, fartando-se de gastar ajudas de custo, preocupando-se com os emigrantes e com o Camões — sim, o que seria de Camões sem Vitor Alves?... — organizando jogos de futebol e espectáculos de variedades, enfim, trabalhos e canseiras durante meses seguidos, sem dar conhecimento aos portugueses daquilo que faz, daquilo que gasta, daquilo que decide.

Claro que é modéstia, mas já agora gostávamos de saber até para que de hoje para amanhã lhe pudéssemos agradecer...

Com Vitor Alves não há problemas.

É preciso um director não importa para quê, um secretário, um conselheiro, um organizador, um presidente, um ministro, um tesoureiro, chama-se Vitor Alves que logo a coisa se resolve.

Vitor Alves é o faz-tudo da Revolução. Política interna ou externa, economia, saúde, emigração, descolonização, espectáculos de variedades, revoluções, habitação, jogos de futebol, conselhos, turismo, etc., etc., são algumas das suas especialidades.

Vitor Alves sabe tudo. Vitor Alves faz-tudo.

E por esta facilidade com que responde aos apelos, pela diversidade de casos a resolver, pelas constantes deslocações que faz, qualquer dia Vitor Alves passa a ter um cognome.

Vitor Alves — «O 115»!



CRIANÇA SOFRE !...

Decididamente, os responsáveis por alguns sectores públicos de Espinho, não gostam de crianças.

O hoje que elas serão amanhã parece não merecer da parte dos responsáveis pela nossa cidade o respeito que é devido ao futuro. E as crianças são o futuro.

Para além da esperança, são a certeza.

Gostar de crianças é um dever.

Investir com as crianças é quase uma dívida sem juros.

Elas próprias são os juros.

Pois os homens que Espinho escolheu para dirigir, Espinho, parecem querer que o amanhã seja feito de tudo, a partir de um hoje feito de nada.

O Grupo Cultural Rainha da Costa Verde quis fazer uma festa para crianças. Com palhaços, jogos, brincadeiras. Não foi autorizado! O Patronato de Espinho representa cento e setenta crianças. Cada uma dessas crianças para a Câmara Municipal, vale apenas um subsídio de menos de trinta escudos... por ano. Exactamente! Para as cento e setenta crianças do Patronato de Espinho a Câmara concedeu um subsídio de 5 mil escudos. A Solverde, entretanto, ofereceu cem mil escudos. Pois é! Até quando terá a Solverde de ser o pai, a mãe, o padrinho, o tio, o irmão da nossa cidade e das diversas colectividades e associações sociais, culturais, humanitárias e desportivas, de Espinho?

Quando é que a Câmara e os serviços que lhe estão adjacentes ganham maturidade suficiente para assumir a responsabilidade de uma gestão efectiva e competente do concelho?

Claro que, para o município, para os políticos que ali se acoitaram, as crianças pouco valem. Como ainda não têm dezoito anos para votar...

**SALÃO
PAROQUIAL
DE ESPINHO**

**UM SONHO
TORNADO REALIDADE**

(LER NA PÁGINA QUATRO)

**QUERES SER
JORNALISTA ?**

(LER EM ÚLTIMA PÁGINA)

**GANHE
MIL ESCUDOS**

(LER EM ÚLTIMA PÁGINA)

SEPARATA

Para guardar e recordar, oferecemos-lhe nesta edição um «poster» do S. C. de Espinho.

E para os campeões, a nossa homenagem de parabéns.

E, para si, a prova da nossa amizade.

NA MORTE DE JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

POR JOSÉ GONZALEZ

Há necessidade de me referir hoje a uma figura, melhor, a uma alta figura da intelectualidade portuguesa que no transacto dia 10 de Junho teve o seu passamento.

Morreu Joaquim Paço d'Arcos, precisamente no mesmo dia em que se comemorava o ceifamento desta vida, de Camões. E, enquanto o autor de «Os Lusíadas» era evocado em todo o Portugal, o autor de «Floresta de Cimento» se prostava para sempre num esquife. E tal como Camões, Paço d'Arcos teve pouca gente a acompanhá-lo à sua jazida.

Que eu saiba e talvez que ninguém saiba, Joaquim Paço d'Arcos estreou-se como escritor dentro da defesa de seu pai criticado acerbamente no mais aceso da polémica violenta do porto da Beira quando secretário chefe do Gabinete do Governador de Moçambique. Paço d'Arcos ripostou contra um certo magnate africano que em declarações na entrevista de jornalista procurou diminuir o significado patriótico da atitude do comandante Correa da

Silva, Governador do território, isto já depois de ter abandonado o cargo por imperativo de consciência e coerência de princípios.

Foi assim polemicamente que Joaquim Paço d'Arcos entrou na Literatura Portuguesa com o livro a que deu o sugestivo título «Patologia da Dignidade», em 1928. Daí até 1938 o escritor transbordou de interesse variados livros publicados e que não vou aqui enumerar por desnecessário, dado tratar-se não de um artigo mas da posição de uma figura e dos factos que ela implicou. Certo é que aparece o romance «Ana Paula — perfil de uma lisboeta» a que o escritor concorreu à Academia das Ciências para o prémio «Ricardo Malheiros».

Surgiu, então, a maior polémica até hoje consagrada na Literatura Nacional. E que Paço d'Arcos tendo sido laureado pelo maior areópago português recebeu, injustamente, do «Parecer» da douta Academia acentuações de imperfeição, deslises de semântica e erros de gramática e defeitos de expressões, incorrecções



de grafia e expressões francesas ou afrancesadas, o que levou o nosso maior escritor de hoje a recusar o prémio, muito embora a dra. Teresa Leitão de Barros num artigo vigoroso tivesse opinado que «o maior defeito deste romance são as suas qualidades, precisamente aquelas que o grande público mais aprecia».

E o escritor numa replicante carta ao Secretário Geral da Academia das Ciências diria, com toda a gama da sua consciência literária: «mas a língua é o que o povo e os artistas fazem dela e não o que os gramáticos querem!»

Depois, em 1970, Paço d'Arcos convidado a fazer parte em Nice, no «Festival Internacional do Livro» como membro do júri que deveria recompensar um escritor universal pelo conjunto da sua obra com a «Águia de Ouro», bateu-se nobre e alevantadamente pelo nome de Ferreira de Castro como um dos escritores cuja obra conjuncta merecia alta recompensa. Falou, proferiu uma alocução sobre o valor, o mérito e o exemplo da obra do autor de «A Lã e a Neve»; e foi tão persuasivo no serviço ao seu camarada das Letras que conseguiu o aplauso unânime do júri constituído por altas autoridades da literatura universal, que Paul Mousset anunciou à Imprensa Ferreira de Castro como vencedor.

Em Setembro de 1978, Paço d'Arcos veio ao Porto. Com grande surpresa minha recebi um telefonema dele, dizendo-me hospedado no Grande Hotel do Porto e que gostaria de me conhecer. Efectivamente conhecíamos-nos só por correspondência, quase sempre agradecimentos do escritor a alusões (não críticas) que fazia ao seus novos livros no jornal. O encontro surgiu. Houve um diálogo informal e caracteristicamente amistoso com o membro correspondente da Academia Brasileira de Letras. Nessa altura já se queixava do mal que padecia, indo em Outubro, novamente a Londres numa tentativa de minorar a doença. E foi já com uma certa mágoa que Paço d'Arcos me comunicava que as «Memórias da Minha Vida e do Meu Tempo» deviam consistir de cinco volumes, mas, naturalmente, não passaria do terceiro.

Naturalmente, e até está certo, que o mundo compreende de maneira simpática a natureza do Prémio Nobel da Literatura. Trata-se evidentemente, de um prémio sobre uma obra universalista de escritor com extraordinária garra, de poder de transmissão incomparável, onde o Homem se sinta transportado ao êxtase e intrinsecamente aprenda a sua mensagem, isto é: um génio. Claro que se Eça de Queirós vivesse no tempo do «Nobel» teria sido um dos premiados entre os

primeiros da sua geração. Paço d'Arcos, além de, como Eça, não comportar compadrios, «cotte-ries», arrigimentações literárias, goza dum título que muitos ainda não conseguiram, especialmente em Portugal. Entre a «Ansiedade» e «Memórias duma nota de banco» Paço d'Arcos é, por direito, o memorialista maior do nosso tempo e também de todos os escritores portugueses.

Sinto-me capaz de afirmar, sem receio de desmentido, que este sublime escritor, dissecando figuras e factos é duma sinceridade memorialista impar.

Joaquim Paço d'Arcos demonstrou — e aí está a sinceridade do seu escrito — junto da genése do ideário intelectual do seu ser, a forma normal de memoriar. Desta feita, Paço d'Arcos não oculta de maneira alguma a maturidade do seu espírito a que muitos outros se eximiram pelo desejo de deslumbrar na sua memória aquilo que pretendiam e pretendem tivesse sido. Paço d'Arcos, não!

Se atentarmos no único livro

memorialista do autor «Memórias da Minha Vida e do meu Tempo», logo verificamos a inteireza do escrito. E vê-mo-lo recordar estados de espírito da sua alma ante personagens que se obriga a criticar — durante a sua andança pelo mundo — e acontecimentos que a consciência demanda no ritmo memorialista da sinceridade absoluta!

Desde a quinta de Aloma até Moçamedes, daí a Macau até à China, na viagem através da América e da travessia do Pacífico, tudo é duma sinceridade memorialista de que eu ainda não tive conhecimento, na leitura de muitos livros de memórias.

Preciso é não esquecer que poucos escritores portugueses têm sido perfeitos e sinceros memorialistas. Quase que a maioria regista realidades antagónicas à Realidade, que outros registam. Daí, a História estar truncada.

Se em Portugal houvesse carácter intelectual, Paço d'Arcos pela sua sinceridade teria sido, Prémio Nobel.

É POR BEM...

POR FERNANDA NOGUEIRA



...Há tempos, alta individualidade (se calhar, até é baixa, mas eu nunca a vi...), disse, que nos motores dos nossos automóveis corria ouro.

Eureka! Só então compreendi porque é que os «ratos» de automóveis, quando roubam um carro, o deixam ficar sem pinga de gasolina! Pois se ela é ouro, e com a falta que temos de divisas, não admira que os roubos de carros aumentem...

...Outra personalidade afirmou ainda, por causa da gasolina, que teríamos de passar a andar de burro... O pior é que, segundo as más línguas, por causa da Reforma Agrária, já não há palha, e a que existe é cara... Teremos então de andar a pé, o que faz bem, mas descalços, pois o calçado está tão caro, que nem há solas para a Nau Catrineta deitar de molho...

...Segundo a cantiga dizia-se que — «O Povo é quem mais ordena» —; agora eu digo que — «O Povo é quem mais ordenha» — ...E de que maneira...

...Só agora compreendo porque razão os meninos pequeninos já usam as calças com cinto, em vez de alças, como antigamente. É para se irem acostumando à austeridade, ao apertar do cinto... De pequenino se torce o pepino...

...Como agora tanto se fala em democracia, até o — Post-scriptum — que se escreve em abreviatura — P.S. —, também passou a ser democrático e a escrever-se — P.S.D. — ... Não confundir com partidos políticos...

...Anda aí, na nossa «DE», um Senhor muito preocupado com a carcassa dum ex-hoca de sapo exposta num cruzamento de duas ruas. Francamente, Senhor! Então, não vê, que «isso» é uma das muitas «reliquias» espalhadas por este pobre Portugal, mostrando-nos sem sofismas, o que fomos e ao que chegamos? Deixe lá estar!...

VINHO

TINTO — DÃO — 11° — 0,36 Acv. — 17 000 litros

VENDE — Quinta da Pena — Torredeita — Dr. Fernando Almeida — ANADIA — Telef. 031 52 550 das 13 às 15 horas ou das 20 às 22.



«PNEUS CAR» Telef. 923266

CENTRO DE VENDA DE PNEUS NACIONAIS E ESTRANGEIROS ASSISTENCIA TÉCNICA

— ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES
— EQUILÍBRIO DE RODAS
— VULCANIZAÇÃO DE CAMARAS

Rua 18 n.º 1010 (Rua da Igreja) Espinho

Uma casa especializada em fios de tricot e industriais

Boa Lã

Rua 14 n.º 647 ★ Telefone 922191

(entre as Ruas 21 e 23)

DESCONTOS ESPECIAIS PARA TRICOTADEIRAS

DEFESA DE ESPINHO

JORNAL SEMANÁRIO

FUNDADOR:

BENJAMIM COSTA DIAS

Propriedade: EMPES — Empresa de Publicidade de Espinho, Lda.

Redacção e Administração: Rua 19, N.º 62 — Telefone, 921525

Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto»

TIRAGEM MÉDIA 3 000 EXEMPLARES

PARA OS COMERCIANTES... E NÃO SÓ!

Em editorial, o Boletim da Associação dos Comerciantes de Espinho de Maio/Junho deste ano publica um oportuno artigo que, embora dirigido aos comerciantes, não deixa de constituir uma extraordinária peça de reflexão para todos os portugueses.

Ela aqui fica:

O SILENCIO

«HAJA DEUS».

Alguém nos fez a observação de não termos feito neste Boletim referência às comemorações do 5.º Aniversário do que se cognominou «25 de Abril» e ao «1.º de Maio».

Pois, não, e nem teria que ser. Como também não faremos alusão às Comemorações do «28 de Maio» que algumas localidades anunciaram pretender levar a cabo, e naturalmente, levarão se a liberdade e o direito de interpretação dos acontecimentos nacionais forem integralmente respeitados neste País de muitas Leis e pouco cumprimento delas.

E porque

Este Boletim foi concebido e lançado apenas para os Comerciantes enquanto tais, independentemente das suas posições ideológicas ou religiosas, levando até junto deles o conhecimento e a orientação julgada oportuna em matérias do seu interesse e para sua defesa.

Outras preocupações não cabem no seu espírito.

É certo que os comerciantes não puderam ser indiferentes ao «25 de Abril» nem são alheios aos seus feitos.

Mas feito o balanço em que há alguns poucos aspectos positivos, o golpe de Estado foi, para os comerciantes, altamente negativo.

Não se ignora, é certo, que houve o mérito, durante estes 5 anos, de

alterar os nomes das ruas e avenidas que lembravam homens e figuras que engrandeceram o País substituindo-os por coisas e homens desconhecidos que precisavam dum «lugar ao sol».

Não se ignora, é certo, que durante estes cinco anos se poupou o cérebro dos nossos sábios e cientistas não se lhes exigindo grandes projectos nacionais, na medida em que os que vinham de trás já eram suficientes para habituar ao trabalho as novas gentes; e bastaria dar o nome de «Ponte de 25 de Abril» à «Ponte de Salazar» sobre o Tejo para demonstrar ao mundo como o novos Senhores tinham ideias nobres e obras grandes e grandiosas.

Não se ignora, é certo, o gesto humanitário de aproveitar os 5 anos para dar lugares de responsabilidade aos incapazes e aos ignorantes que nunca tinham tido oportunidade de esbanjar o que os outros ganharam com competência, trabalho e zelo.

Não se ignora, é certo, a preocupação de nestes 5 anos se exigir que se trabalhasse menos e menos se produzisse, na medida, em que até os altos salários e demasiada riqueza, só serviam para alimentar vícios.

E o nova sociedade apostava na austeridade de costumes e nos hábitos modestos.

E bastaria a herança deixada para pagar os comícios, os plenários, as manifestações, e São Francisco de Assis lá estava a servir de Ministro dos Negócios Estrangeiros a pedir esmola aos Países que não precisassem de tanto.

Naturalmente, que, antes os trabalhadores ganhavam de mais e tinham empregos seguros e à sua escolha, mas uma política acertada destes cinco anos acahava socialmente mais saudável mandar centenas de milhar para o desemprego

(porque já tinham trabalhado muito) e baixar os salários reais aumentando a inflação travando assim o passo à sociedade de consumo, na medida em que um naco de pão, um golo de vinho e uma malga de caldo de hortaliças iam, num País católico como o nosso, mais ao encontro do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

NECROLOGIA

CÂNDIDA DIAS DE ALMEIDA

Com 86 anos de idade faleceu na sua residência à Rua 62, no passado dia 2, a sr.ª Cândida Dias de Almeida, viúva de Manuel Dias de Almeida.

GLÓRIA PEREIRA DA COSTA

Na freguesia de Silvalde morreu com 65 anos a sr.ª Glória Pereira da Costa, casada com o sr. António Joaquim Oliveira.

MARIA GOMES PEREIRA

No pretérito dia 4 faleceu no lugar de Silvalde, freguesia de Silvalde, com 65 anos de idade a sr.ª Maria Gomes Pereira.

HENRIQUE CANEDO

No lugar de Carvalhal, freguesia de Anta, faleceu no pretérito dia 4 com 60 anos de idade o sr. Henrique Canedo, casado com a sr.ª D. Rosa Gomes de Oliveira.

JÚLIO GOMES DA COSTA

Em Agueiro de Cima, freguesia de Paramos, faleceu com 56 anos de idade, no dia 6, o sr. Júlio Gomes da Costa, casado com a sr.ª D. Rosa Marques da Silva.

...E POR AÍ VIZINHO COMO VAI ISSO?

NO FURADOURO...

CAMPISMO SELVAGEM...

Já há anos que aqui vimos protestando, e lutando, pela extinção deste cancro, que, é, simultaneamente, um autêntico atentado à higiene e saúde públicas e, infelizmente também, em alguns casos, à moral...

Tardou, mas, ultimamente, a Câmara entendeu, e muito bem, estripar o abcesso. Foi o que se verificou há dias, mas havendo o cuidado de avisar com antecedência os ocupantes para abandonarem o local.

Mas um pouco à semelhança do que, infelizmente, vai sendo hábito, a maioria absoluta não «ligou» nada ao caso.

Em face disto, e esgotado o prazo concedido, pessoal camarário, acompanhado duma força de polícia, desocupou o local — que todos sabem se situava à ilharga pelo norte da Capela do Furadouro — recolhendo todo o material ali encontrado e conduzindo-o para o quartel da P.S.P. para ser entregue aos seus legítimos donos, que é o que se vem fazendo.

Ora o que relatamos acima, e que é a verdade, de maneira nenhuma justifica uma longa notícia vinda no «O Comércio do Porto», de 3 do corrente, emanada de Aveiro e que é uma vergonha e uma mentira descabelada. Que um ou mais dos ocupantes, decentes, que os havia, por certo, do Parque Selvagem se sentissem prejudicados e protestassem, embora sem razão e sem qual-

quer Lei que os assistisse, ainda se compreende.

Mas subscrever aquele chorrilho de inanidades e mentiras é que não está certo.

E afirme-se também que a sanitária medida não foi influenciada pela protecção ao Parque oficial, ali junto. Mesmo antes deste existir, já aqui protestávamos em nome da comunidade.

Também não é verdade que se diga que o Parque do Furadouro está totalmente ocupado.

In «Notícias de Ovar» de 6/7/79

EM MOZELOS...

FILME PORNOGRÁFICO

Mais uma vez foi levado à cena na residência paroquial, outro novo filme, essencialmente pornográfico, de acordo com versão que colhemos. Mesmo alguns assistentes lamentaram certas cenas apresentadas. Foram informados que alguns «CAMARADAS», exemplificaram o conteúdo do mesmo. Francamente. A religião nesta terra, desceu ao mais baixo nível moral. Ela está realmente entregue a um TIRANO, que objectivamente procura destruir ainda alguma fé cá existente. O povo martirizado desta «pobre» aldeia, está esperando que chegue o bom SENSO o mais rapidamente possível, aos mandatários da nossa DIOCESE, no sentido de se pôr cobro a estes constantes disparates, que temos vindo a suportar assiduamente.

In «Correio da Feira» de 6/7/79

EM AVEIRO...

A CIDADE FICOU

MAIS PERTO DAS PRAIAS...

Com a abertura ao tráfego da variante da Gafanha, que une Aveiro à Barra e Costa Nova, a cidade ficou quatro quilómetros mais perto das praias... — o que não deixa de ser um aliciante num Verão que parece querer ser mesmo quente.

Trata-se de um melhoramento há muito solicitado — e finalmente realizado. De Aveiro à Barra passaram a ser apenas oito quilómetros, e até só pelo passeio vale a pena ir até à «marginal»...

«O Litoral» de 6/7/79

CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO

TODOS OS SERVIÇOS DE: ENFERMAGEM * OXIGÉNIO CAMAS ARTICULADAS, etc.

HORÁRIO:

das 9 às 12,30 horas

e das 14,30 às 19 horas

SÁBADO das 10 às 12 h

— Telefone 921587 —

Rua 16, n.º 868 — ESPINHO

(Frente à Igreja)

De resto, os transportes teriam de graça, o ensino bom e barato, a habitação social e a saúde gratuitos (na beleza e no custo), os impostos e taxas reduzidos, as reformas aumentadas, os lares para a terceira idade e infantários para as crianças, multiplicados, e os deficientes motores e outros, se não tivessem ocupação, podiam entreter-se a assistir aos comícios e fazer greves e piquetes ou ouvir os belos programas da Rádio nacionalizada ou fixar na TV — nossa — as épicas tirados dos políticos.

Outros podiam embeber-se nos grandes romances e peças teatrais daqueles escritores que a censura não

havia deixado publicar e que agora eram a glória da inteligência portuguesa.

Para os amantes do desporto que pretendiam ser alguma coisa na vida com honestidade e sinceridade, e bom espírito de servir a comunidade tinham a oportunidade de fazer a sua aprendizagem nos jogos dos partidos na sua marcha para o poder.

Estes 5 anos foram, efectivamente, fecundos em obras, e bem merecem a estima e a veneração dos Portugueses.

Mas o silêncio é uma forma de respeito e veneração.

«HAJA DEUS».

...E AS CRIANÇAS NÃO TIVERAM FESTA

O Grupo Cultural Rainha da Costa Verde não chegou a realizar a festa para crianças no pretérito sábado, conforme noticiamos.

Por razões alheias ao Grupo, os coros, os palhaços e os ranchos folclóricos não se exibiram para gáudio e entretenimento das crianças.

«É com muita mágoa que não levamos esta nossa realização por diante. Era nosso objectivo contribuir desta forma para o Ano Internacional da Criança. Para tal tínhamos de ter o apoio das entidades competentes. A elas nos dirigimos tanto por carta como pessoalmente — afirmou-nos Jorge Rodrigues, presidente da colectividade, que pomenorizando os moldes como as coisas decorreram nos dias:

«O sr. Bartolo, presidente da Câmara, informou-nos que o assunto era da competência da Comissão de Turismo. O sr. Veiga Ribeiro do Turismo diz-nos que não tinha nada a ver com aquilo, pois competia à Câmara dar autorização para que a festa se realizasse.»

Nascido há cinco anos, o Grupo Cultural Rainha da Costa Verde, embora ainda sem um historial de actividade com relevância, conta já com exhibições no Palácio de Cristal e em terras circunvizinhas de Espinho. E se os seus anseios não foram mais longe, se ainda não têm um grupo de teatro amador, se não têm um rancho folclórico em plena actividade deve-se à falta de apoio, momento financeira, como nos informou Jorge Rodrigues ao dizer-nos:

«Ainda há tempos principiamos um peditório com a venda

de autocolantes. Qual não foi a nossa surpresa quando a polícia nos apreende os autocolantes e o dinheiro que já tínhamos, dizendo-nos que para fazermos um peditório tínhamos de ter uma autorização do Governo Civil, o que desconhecíamos. O assunto está em tribunal. Agora fomos bola de pingue-pongue com esta festa para crianças.»

Tentamos saber as razões por que não foi concedida a autorização, Veiga Ribeiro, Presidente da Comissão Municipal de Turismo, informa-nos que «recebi um ofício em que não sabia o que eles pretendiam, mas como o assunto não pertencia ao meu pelouro mandei-os para a Câmara.»

Acerca de uma carta que recebeu do mesmo Grupo a pedir que o Turismo subsidie um Festival de Folclore que vão realizar no próximo dia 4 de Agosto na Praça de Touros, Veiga Ribeiro adiantou-nos que não tem verba dizendo-nos:

«As verbas estão esgotadas. Programa-se no ano anterior os subsídios a distribuir. Neste momento todas as verbas já estão comprometidas. Se tivesse apresentado um esquema com o devido tempo, o assunto não seria desconsiderado. Temos de ter em conta que o turismo é um negócio e não uma instituição de caridade. Quando digo que é um negócio refiro-me ao aspecto de investimentos. Salvaguardando as despesas obrigatórias, como seja o ordenado ao pessoal, toda a verba restante é gasta em despesa de publicidade, no pagamento de pessoal eventual na limpeza da praia, das placas, das passadeiras, etc.»

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

DE

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

REABRIU COM NOVA GERÊNCIA

Restaurante ONDA Snack-Bar

Serviço de Snack até às 2 horas da madrugada

ESPLANADA DO MAR — ESPINHO

SOLVERDE DEU MIL CONTOS

SALÃO PAROQUIAL DE ESPINHO
UM SONHO TORNADO REALIDADE

Para alguns, talvez os mais antigos, catequese significa doutrina.

Porém, os tempos vão mudando e à catequese ou doutrina, poder-se-á chamar EVANGELIZAÇÃO.

De qualquer forma, quando a frase é dita no verdadeiro sentido da religião cristã, EVANGELIZAÇÃO poderá e deve ser para os do passado aquilo que nós aprendemos, isto é, o verdadeiro caminho para alcançar o REINO DO CÉU.

No entanto, quer a criança como o adulto, para aprender a Evangeli-

das, para nos remediarmos.

E só Deus sabe o jeito e o favor que tais proprietários nos fizeram mas, como é óbvio, nem podíamos continuar toda a vida nessas condições com objectivos pastorais, como é evidente.

— De princípio o Salão não era para ser construído em outro local?

— Sim, a «história do local foi sempre o nosso maior problema.

Resumidamente direi que o terreno oferecido e referido na resposta como anterior se situava junto à feira, fazendo frente para as ruas 22 e 27. Mas, como era um terreno cativo da C.P., por mais voltas que dessemos, não havia hipóteses de termos autorização de começar.

Diga-se em abono da verdade foi o então Presidente da Comissão Administrativa da Câmara (hoje Presidente da Câmara) que, um dia, quando já eu me sentia um tanto descrente, me apontou como viável a hipótese de trocarmos os terrenos — o nosso seria anexado ao mercado semanal e a Câmara ceder-nos-ia, como cedeu, aquele onde agora estamos a construir.

— Já ouvimos alguns comentários em que dizem que há luxo a mais numa obra de Igreja e que se destina só à Catequese. Essas pessoas estarão dentro da razão ou o Salão Paroquial destina-se a outras coisas?

— Quanto ao luxo, não o consigo descobrir nem ainda ninguém me mostrou onde ele estava.

— Que estamos a fazer as coisas de forma sólida, com bons materiais... para que fiquem feitos de vez, isso é verdade. Julgo que será essa, afinal de contas, a vontade de toda a gente. (Aqui permita-me uma palavra de justiça para com esse Homem, todo ele dedicação, que é o sr. Arq. Jerónimo Reis. Muito e muito lhe deve esta paróquia). Quanto ao tamanho, é, sem dúvida, um edifício grande, que se destina, prioritariamente, à catequese ou, se quiser à Evangelização.

Infelizmente as pessoas ainda hoje, quando se fala em catequese, lembram-se logo das crianças e mais nada. Mas se eu lhe disser que na Igreja uma tarefa dirigida a todas as idades, isto é, que os cristãos devem consciencializar-se no sentido de se obrigarem no sentido a uma permanente educação e crescimento da sua fé, então as coisas aparecerão revestidas de novos aspectos.

E que, para além da catequese ou evangelização das crianças há a dos adolescentes, dos jovens, dos noivos, dos pais e padrinhos que vêm pedir Baptismo para as crianças, dos pais com filhos na catequese...

Há depois os diversos movimentos de ordem assistencial, apostólica, espiritual, corais litúrgicos, escúteiros... para os quais se destina também o Centro.

— Apenas acrescentarei que, nas circunstâncias actuais, uma vez posto o edifício a funcionar, movimentar-se-ão lá dentro, mais de mil pessoas em cada semana. Oxalá daqui a alguns anos não o achemos demasiado pequeno. Preocupado com a sua finalidade principal até me ia esquecendo doutros aspectos. Por exemplo, o cultural, recreativo, de convívio...

— Qual o valor total da construção?

— Julgo ser difícil dar uma resposta precisa a esta questão. Há empreitadas para as quais, há dois anos ainda tínhamos calculadas determinadas verbas e hoje, para essa mesmas empreitadas, já é necessário quase o dobro. Posso é dizer-lhe que, até 31 de Maio que findou, havíamos pago cerca de 6 600 000\$00.

— A Comissão de angariação de



fundos trabalha sobre a orientação do padre Manuel Henriques?

— Olhe, a constituição e actualização da Comissão de angariação de fundos é um sinal (certamente muito pequeno) nesta paróquia, que muito me apraz registar. A partir duns encontros de oração e partilha de preocupações que efectuamos todas as quintas-feiras, a Comissão instituiu-se, apresentou-se e começou a trabalhar, não à margem do pároco, evidentemente, mas com muita liberdade e responsabilidade. Penso que isto é um sinal de consciência dum laicado que vai já compreendendo o papel que deve desempenhar e da autonomia de que deve usufruir dentro da Igreja. Oxalá este testemunho contagie todos os outros leigos empenhados nos mais diversos sectores da pastoral. Os leigos não podem mais continuar a andar atrelados ao padre de tal modo que, se este avança, eles lá vão indo; se não avança, eles também não vão. Continuar a aceitar este estado de coisas é continuar a alimentar um tipo de paróquia pré-conciliar, o que não pode aceitar-se de modo nenhum.

«O POVO DE ESPINHO
É EXTRAORDINÁRIO»

— O trabalho da Comissão tem tido bom acolhimento por parte da população?

— O melhor acolhimento, sem dúvida. De resto, sob este aspecto, o povo de Espinho é extraordinário. Já o tenho referido várias vezes em público e não o faço nem por demagogia nem por oportunismo. Os factos são factos e estão à vista. Deixe-me citar um exemplo: Há uns quatro anos que consideramos o 2.º domingo de cada mês como o dia do ofertório especial para o Centro. A entrega das ofertas faz-se nas missas da forma mais anónima que pode imaginar: São postos sobre os bancos da Igreja envelopes onde as pessoas colocam a quantia que quiserem. Repito, isto já há quatro anos ininterruptamente. Nada mais natural que ao fim de meia dúzia de meses as pessoas estivessem já saturadas. Pois eu digo-lhe que actualmente as pessoas estão a dar o dobro daquilo que ofertavam no início. É esta a nossa principal fonte de receita.

«TAMBÉM SOU SÓCIO
DO S. C. ESPINHO»

A primeira colectividade a organizar uma tómbola foi o Sporting de Espinho, iniciativa essa que todas as outras colectividades guardam o maior respeito. Como se compreende que tal não viesse a acontecer com a Comissão do Salão?

Ainda bem que me faz tal pergunta. Desejava, antes de mais, que ficasse bem claro que não pretendemos prejudicar quem quer que seja, nem competir com ninguém e muito menos entrar em confrontos.

Não conheço em Espinho nenhuma colectividade com espírito

belicista e nós também não o temos. Se alguma orientação tenho dado à Comissão de Angariação de Fundos ela não tem sido outra senão a de que estejam atentos para evitarem prejuízos a outrém.

Penso que quando, de todos os lados, as pessoas estão animadas deste espírito haverá sempre o melhor diálogo gerador dum melhor conhecimento mútuo e até de amizade e entejada.

Estou plenamente convicto de que as pessoas metidas nestas tarefas de engrandecimento da terra, seja no desporto, nas corporações de bombeiros, paróquias... não são rivais umas das outras e muito menos pessoas de má-fé.

Em relação ao caso concreto da sua pergunta veja que os resultados financeiros da tómbola do Sporting excederam no ano passado, tudo quanto se havia conseguido em anos anteriores. Tem de concordar que a tómbola paroquial não podia afectar ninguém dada a sua insignificância. E se, realmente, alguém houve que não interpretou as coisas assim, se, da nossa parte, involuntariamente cometemos alguma falta, só foi pena que não tivessem falado connosco e tudo teria ficado resolvido no melhor espírito de camaradagem.

Quer um exemplo? Ainda há poucos meses, após conversa com o organizador da tómbola do Sporting (cuja alta competência todos bem reconhecemos) ofereceu-se para nos ajudar a lançar a nossa, atitude que muito nos sensibilizou e nunca agradeceremos suficientemente.

Por aqui já pode notar o espírito de camaradagem que a todas anima. Eu próprio sou sócio do Espinho (também faço, portanto, parte do clube). Infelizmente não tenho possibilidades de ir ao futebol mais do que três ou quatro vezes no ano. Já não posso estar presente fisicamente estou-o com a minha modesta colaboração material. Por isso, com orgulho o digo, o êxito da tómbola do Sporting também me diz respeito.

Constou-nos que a Tendinha este ano vai mudar de local. Por que motivo isso vai suceder? E haverá tómbola?

Por dois motivos: primeiro porque o local do ano passado não nos oferece segurança (fomos assaltados) e depois porque não possuímos uma barraca com espaço suficiente. Daí a razão porque pedimos e agradecemos a cedência do edifício onde esteve instalada a Pensão Palmeira. Aí funcionará também a modesta tómbola.

SOLVERDE DEU MIL CONTOS

Qual o auxílio que têm recebido da Diocese e das entidades locais?

Os únicos auxílios que recebemos foram os seguintes:

Banco Nacional Ultramarino 12.000\$00;

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, 10.000\$00;

Banco Português do Atlântico, 10.000\$00.

Há algum subsídio particular que seja digno de registo?

Sim, o da SOLVERDE. Por diversas vezes.

Tanto os dinheiros como as contas da paróquia estão a cargo do respectivo tesoureiro, mas julgo que da SOLVERDE já recebemos à volta de 1.000.000\$00.

Já têm data marcada para a inauguração?

Bom, a data da inauguração será no momento em que começar a poder trabalhar no Centro Paroquial. Espera que isso aconteça no dia 8 de Outubro p. f. uma segunda-feira.

Não estamos em tempos de

inaugurações triunfalistas nem tenho feito para isso.

— Que mais deseja neste momento em referência ao Salão Paroquial?

— Que ele seja aquilo para que está a ser construído: Um meio e não um fim. Um meio de progresso, de fraternidade, de convívio, de cultura e, claro, de evangelização.

Sabemos bem que o Centro Paroquial não será um elixir, algo de mágico que, como que por encanto nos resolva os problemas todos. Mas também não podemos admitir que se transforme num casarão de pedras mortas.

Enfim, com o Centro Paroquial as nossas responsabilidades aumentam, mas também aumenta a nossa Esperança.

E todos daremos por bem empregues tantos esforços e sacrifícios.

Uma palavra final de agradecimento a toda a Paróquia por tanta generosidade, compreensão e amizade.

ORAÇÃO
13 ALMAS
BENDITAS

Oh minhas 13 almas benditas sabidas e entendidas a vós peço pelo amor de Deus atendei o meu pedido (e pede o que quer) minhas 13 almas benditas sabidas e entendidas a vós peço pelo sangue que derramou atendei meu pedido (e pede) meu Senhor Jesus Cristo que a vossa protecção me cubra com os vossos braços me proteja com os vossos olhos, oh Jesus de bondade vós fostes meu advogado na vida e na morte, peço-vos que me atendeis e me livreis dos males, dai-me sorte na vida e na morte, peço-vos que me atendeis (pede o que quer) e me livreis dos males, dai-me sorte na vida, segue meus inimigos que os olhos do mal não me vejam, cortai as forças dos meus inimigos oh minhas 13 almas benditas sabidas e entendidas, se me fizerdes alcançar abraço (e pede) ficarei devota de vós e mandarei publicar esta oração mandando também rezar uma missa, rezar 13 Pais Nossos e 13 Ave Marias durante 13 dias. Agradeço a graça recebida. — Z. M. R.

PRECISA-SE
VENDEDOR

Sector alimentar, com carta de condução de ligeiros, idade compreendida entre 24 e 35 anos. Resposta à Redacção ao n.º 107.

VENDE-SE

Casa térrea com quintal de pinhal com a área de 5 000 m², sita no lugar do Monte — Paramos.

Contactar com Adão Alves da Costa — Lugar do Monte — Paramos ou pelo telef. 922117.

ENTREVISTA DE

CADETE DUARTE

zação ou Catequese, terá que haver um lugar próprio.

Desde o tempo do falecido Rev. P.e Amaral, nem os párocos que por cá têm passado, como também as crianças que querem seguir o caminho de Cristo, têm tido lugar certo para aprendizagem inicial da Evangelização-Catequese ou Doutrina Cristã.

Por especial deferência de alguns particulares, as catequistas e as crianças, lá vão conseguindo e bem, levar a cruz ao Calcário.

Todavia, depois das obras de restauro e conservação da nossa Igreja Matriz, onde segundo nos informaram se gastaram já cerca de 3 mil contos, eis que surge a notícia que dentro em breve se ia dar início à construção do Salão Paroquial de Espinho.

Se para alguns foi surpresa, para outros, que conhecem de perto o Padre Manuel Henriques, não constitui novidade.

Vindo para Espinho no ano de 1969, o actual pároco da nossa freguesia bem cedo se impôs a toda a maneira como trata e recebe a população de Espinho, não só pela soas, pela forma como procura resolver os vários problemas que se lhe deparam, mas muito especialmente pela humildade com que se apresenta.

Assim, tal como já dissemos, para muitos não foi novidade que o Padre Manuel Henriques tivesse tomado a responsabilidade de dotar Espinho com uma obra que ficará para todos pois e sem distinção a todos ela pertence.

No intuito de saber aquilo que para alguns é desconhecido, D. E. foi ouvir o pároco de Espinho, que amavelmente se colocou à nossa disposição.

— Quando e de quem partiu a ideia para a construção do Salão Paroquial?

— A construção do Salão Paroquial é uma inspiração desta paróquia de Espinho que vem de longa data. Por conversas tidas com o inesquecível Amigo, o falecido sr. Capela, suponho mesmo que esta terá sido já uma ideia do velho Padre Amaral.

De qualquer modo foi com o meu antecessor Cón. Artur Martins que este empreendimento tomou um impulso decisivo: — foi oferecido pelo sr. Comendador Matos um terreno para esta finalidade e foram recolhidas algumas centenas de contos.

É que — e é importante que se acrescente — o Salão Paroquial não se constrói por snobismo, porque as outras freguesias têm e nós não temos e parece mal... Não, o Salão (daqui em diante chamar-lhe-ei Centro Paroquial surge como consequência duma carência enorme desta paróquia, no que se refere à pastoral.

Por isso é que nestes últimos dez anos temos andado a bater à porta dos proprietários de casas desabitadas,

O CASO DA DESCENTRALIZAÇÃO DAS «BOTICAS» DE QUANTAS NOVAS FARMÁCIAS NECESSITA O CONCELHO DE ESPINHO?

«Água mole em pedra dura...» Já várias vezes ao longo dos tempos, abordamos este momento e pertinente problema das gentes de Espinho: a descentralização das suas farmácias, de molde a poder servir convenientemente a população do nosso concelho, pois não faz sentido que na «rua das boticas» existam quatro das sete farmácias de todo o concelho.

Espinho não é mais aquela territa de antanho, em que a sua população preenchia um pequeno perímetro em redor da já célebre

«rua das boticas». A terra desenvolveu-se e o seu movimento demográfico, em 1973, data em que foi promovida a cidade, era já de 20 000 almas, sem contar com a sua população flutuante que atinge números consideráveis, em nosso entender. Por outro lado, o extraordinário desenvolvimento habitacional nos últimos anos, deve ter incrementado seriamente o número de habitantes bastante consubstanciado pela vinda de desalojados do Ultramar e hoje deve ultrapassar os 25 000, só na cidade.

o país em poucas linhas

O PSD, CDS e PPM assinaram um acordo político de corporação, formando uma maioria política que rejeita o estatismo e o colectivismo e recusa qualquer novo Governo com base na actual Assembleia da República que entendem que deve ser dissolvida, realizando-se eleições legislativas em Outubro próximo. Estes três partidos apoiarão o mesmo candidato às presidenciais em 1981.

O Dia da Marinha foi comemorado na cidade do Porto como reconhecimento às «suas conhecidas qualidades de tenacidade, espírito laborioso e capacidade de sacrifício do povo do Norte, de que o Porto é um exemplo», afirmou o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão. Acerca da data diria:

«A comemoração do Dia da Marinha, em 8 de Julho, dia em que a Armada de Vasco da Gama partiu do Restelo em demanda da Índia, tem o alto significado de evocar a era dos Descobrimentos, em que o mar, e pelo mar, Portugal iniciou uma nova fase da história da humanidade.

«Essa lembrança das glórias passadas não pode ser saudosista nem alienante das duas realidades do presente, antes pelo contrário, constitui um claro ensinamento do que se pode realizar quando a coragem e a determinação de um povo estão ao serviço de um ideal».

Realizou-se no Porto uma festa socialista. Mário Soares usou da palavra preconizando que a solução para a crise governativa seria a formação de um quinto governo com apoio do PS e da ASDI. Referindo-se ao recente livro do almirante Pinheiro de Azevedo comentaria:

Assistimos a essa ignomínia que é um livro de um homem que tem responsabilidades no processo político português, um homem que no período revolucionário teve um papel, que pretendeu demonstrar a tese, falsa tese, nem mais nem menos de que o PR é um agente do PC. Não é, camaradas, para rir. Significa que a operação de destruição já avançou para lá do PS e agora já está a atingir o próprio PR».

O general Altino de Magalhães foi empossado como vice-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

A batata, incluindo a nova ou «Primor», tem para o público, até 31 deste mês, o preço de 9\$50 o quilo e de 8\$00 a partir de 1 de Agosto.

O Desportivo de Bragança consagrou-se Campeão Nacional da III Divisão ao bater na final por 5-3 o Oriental, em Aveiro. A Veneza portuguesa foi palco da euforia dos trasmontanos que acompanharam o seu clube que confirmou assim a hegemonia do futebol nortenho.

No último fim-de-semana foram libertados mais três portugueses que se encontravam presos na cadeia de Machava, nos arredores de Maputo. Entretanto, duas dezenas e meia de portugueses ainda se encontram detidos na dita prisão, embora o Consulado de Portugal, em Maputo, manifestasse a esperança de que mais alguns cidadãos portugueses possam em breve deixar o cárcere de Machava e, obviamente a República Socialista de Moçambique.

O Instituto Nacional de Estatística informou que este ano haverá muito mais vinho que no transacto, mas a colheita do trigo, centeio, aveia e cevada serão inferiores ao da já má campanha do ano anterior, e, em média, pouco mais do que metade da média do decénio.

Sempre defendemos o real interesse das populações, ao reivindicarmos a descentralização das farmácias, ou a criação de novas unidades de maneira a bem servir esse mesmo público. Jamais nos ocorreram os problemas económicos que adviriam da criação de novas farmácias, pois poderia ter ou não viabilidade económica e se não tivesse, também não tinha artigos e era melhor que se a mesma não existisse.

Somos pela abertura de uma farmácia em cada freguesia e por uma melhor e equitativa redistribuição desses serviços a nível cidadão. Sabemos que a nível oficial se procedem às necessárias «démarches» para obtenção de um, dois ou três alvarás, para abertura de novas unidades.

Por isso mesmo a opinião de pessoas ligadas ao ramo é bastante pertinente. Ouvimos um empregado ajudante técnico e um patrão, licenciado, que nos permitimos omitir os seus nomes.

NOVAS FARMÁCIAS —CASO MUITO DISCUTIVEL

Na opinião do ajudante técnico, a abertura de mais farmácias é bastante utópica, na medida em que a lei estipula por várias razões uma farmácia por cada 5 ou 6 000 habitantes. Logo, se a cidade de Espinho tiver 25 000 habitantes, com 5 farmácias que possui dentro da cidade, está dentro da norma e pergunta-se: mais farmácias para quê?

D. E. — Os novos complexos habitacionais em vias de conclusão vão dar origem a um natural aumento da população. Que lhe parece a centralização das farmácias na «rua das boticas»?

A. T. — Repare que as farmácias já lá estão, há dezenas de anos e não se vão retirar de lá agora. Realmente há zonas que se estão a desenvolver extraordinariamente e talvez uma farmácia nas proximidades do bairro do Violas ou do hospital, fosse uma medida bem tomada. Outras mais seria um disparate.

Aliás parece quererem abrir uma junto do Posto Médico dos SMS e isso traria reflexos perniciosos para as restantes farmácias de Espinho. Lá mais para Sul, não digo que não tivesse o seu interesse.

D. E. — Mas fala-se em três novas unidades?

A. T. — Só por brincadeira... Por seu turno, um licenciado farmacêutico emite a sua opinião à abertura de novas farmácias em Espinho, nestes termos:

PARA MONTAR UMA FARMÁCIA OPERACIONAL CUSTA MAIS DE 1 200 CONTOS!

Em relação (por exemplo) à cidade do Porto, Espinho está muito melhor servido, pois o alcance de qualquer uma das farmácias de serviço é bastante mais fácil que na capital do Norte.

D. E. — Mas julga que Espinho necessita de novas unidades?

Dr. — Pessoalmente creio que não, pois o Norte da cidade tem a Grande Farmácia a servi-los. No centro, as quatro farmácias satisfazem as necessidades e no sul, a dois passos do bairro Corfi, a farmácia de Silvalde está apta a resolver os problemas e na zona do hospital e Sales, a farmácia de Anta lá está para cumprir a sua missão.

D. E. — Mas os habitantes do Sul que necessitam de algo ur-

gente, se estiver de serviço a Grande Farmácia, tem de percorrer mais de dois quilómetros. Acha isso bem?

Dr. — Já frisei que no Porto a sua população estará em piores condições. No entanto cá em Espinho, poder-se-ia resolver esses problemas estipulando serviços para as farmácias de Anta e de Silvalde, simultaneamente com as de Espinho. Assim, se não fosse na Grande Farmácia, era na de Silvalde ou na de Anta.

D. E. — Mas Espinho necessita ou não de novas unidades?

Dr. — Hoje para se montar uma farmácia são necessários no mínimo de 1 200 contos só para medicamentos, não contando com móveis e utensílios. Depois há os encargos de pessoal, etc., etc.

Por isso tire conclusões. Se não for devidamente localizada, a abranger uma área defensável com movimento de utentes, ter-

-se-ia de obter subsídios para a sua manutenção, ou não será!

D. E. — Depreende-se das suas palavras que efectivamente não deveriam ser montadas novas farmácias na cidade de Espinho?

Dr. — Mais do que uma seria uma grande asneira e isso prová-lo-á se de facto se vier a conceder alvarás, o que eu duvido. A lei que salvaguarda o interesse do farmacêutico é muito clara. No entanto, mais uma unidade talvez não fosse despropositada, mas deixo isso ao critério das entidades locais.

D. E. — E qual a sua localização?

Dr. — Como lhe disse já, não podemos ir montar uma farmácia num local isolado. Para ter viabilidade económica e poder servir todos os que dela se abeiram, só em zonas de forte densidade populacional. De contrário as que estão chegam e sobram!

O MAP ESCLARECE POSIÇÃO QUANTO À CORTIÇA

O Ministério da Agricultura e Pescas divulgou uma nota oficiosa esclarecendo a sua posição quanto à regulamentação de extracção e regulamentação da cortiça.

Invocando a não ratificação do decreto-lei 119/79, de 5 de Maio, pela Assembleia da República considera o MAP que na «sequência desta decisão alguns órgãos de Comunicação Social quiseram fazer acreditar que o processo de extracção e comercialização da cortiça passaria a não ser regulado legalmente e ficaria entregue ao acaso das duvidosas intenções de grupos com interesses pouco nítidos».

E salienta a referida nota: «Compete ao Ministério da Agricultura e Pescas esclarecer que se mantém firmemente empenhado na reposição e manutenção da legalidade e declarar que é incorrecta a interpretação dada ao assunto pelos referidos órgãos de Comuni-

cação Social. O decreto-lei 119/79 manter-se-á em vigor até à publicação no «Diário da República» da decisão parlamentar da sua não ratificação.

«O diploma em questão tinha por objectivo simplificar as operações de produção e comercialização de cortiça, permitindo ao Governo a melhor defesa do património nacional e acautelando os interesses aos que nelas intervêm, nomeadamente daqueles que, trabalhando directamente nos montados, veriam a sua percentagem nos negócios jurídicos celebrados no sector substancialmente aumentada.

Nestes termos, o Governo continua a dispor dos instrumentos legais necessários ao apoio técnico e jurídico dos processos de extracção e comercialização de cortiça, por forma a salvaguardar todos os legítimos interesses em jogo».

LUSOTUFO

TAPETES • CARPETES • ALCATIFAS

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

ISAURA PEREIRA DA SILVA AGRADECIMENTO

Sua filha, genro, netos e demais família vêm por este UNICO MEIO agradecer muito reconhecidos a todas as pessoas que assistiram ao funeral, e missa do 7.º dia, da sua ente querida ou por qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

Espinho, 9 de Julho de 1979.

INDUSTRIAS DE PAPEL E CARTÃO INSURGEM-SE CONTRA ESTUDO GOVERNAMENTAL

A Associação Nacional das Indústrias de Papel e Cartão apresentou uma análise ao projecto de reestruturação do sector no decorrer de uma reunião com os órgãos da Comunicação Social.

Entende esta Associação que o despacho do ministro da Indústria e Tecnologia remetido à «Portucel», em 1976, para realizar um estudo de reestruturação do sector que, por sua vez, delegou na secção de celulose da Associação Industrial Portuguesa para apresentar um estudo que apareceu com a designação de «Plano de Desenvolvimento da

Indústria Papeleira Portuguesa» visa o extermínio das pequenas indústrias especializadas em determinados tipos de papel, supervalorizando meia dúzia de empresas, o que vem a ser um novo monopólio.

Para que tal não venha a acontecer a Associação que representa 66 empresas apresentou um «Anteprojecto de Reestruturação da Indústria que toma em consideração a riqueza florestal, já que a «madeira é o petróleo do nosso papel», como referiu Jerónimo de Sá Silva, presidente da Associação quando afirmou:

«Não vamos dar matérias-primas aos outros para depois comprarmos os produtos acabados e feitos no estrangeiro em prejuízo da nossa balança de pagamentos e da recuperação da nossa economia. Importam-se actualmente 9 mil toneladas de papel para cobertura de interiores do fabrico de caixas de cartão canelado enquanto empresas portuguesas que forneciam esse papel pararam por falta de encomendas».

As empresas desta Associação têm uma capacidade de produção de 90 mil toneladas, tendo, todavia, capacidade para 195 mil

toneladas. Por isso, o anteprojecto da Associação tem como finalidade o aproveitamento do sector a fim de que haja uma redução ao máximo das importações, aumentando-se as exportações, conforme se depreende das conclusões:

«A nossa única pretensão, apresentar um trabalho que deverá ser analisado e completado por todos os sectores nele intervenientes, a saber: floresta, pastas papeleiras, fabricantes de papel, cartão canelado, sacos de grande conteúdo, artes gráficas e transformadoras, de papel, armazéns de papel, editores e livreiros, com o objectivo de, num esforço conjunto de todos estes interessados, se poder chegar a conclusões válidas sobre tão importante matéria e propô-las como PROJECTO à Administração Central.

Para tal, as linhas de orientação, que em nosso entender devem ser adoptadas, são:

1. Análise das nossas capacidades de abastecimento de madeiras de pinho bravo e eucalipto globulus para o fabrico de pastas papeleiras;
2. Urgente levantamento do parque papeleiro português (o que está feito em documentos dispersos);
3. Igual procedimento para os parques gráfico e transformador de papéis, embalagens de cartão e sacos de grande conteúdo;
4. De posse dos elementos indicados em 1 e 2, quantificadas e eliminadas as distorções, verificar as vantagens sócio-económicas em reformular a actual política de abastecimento das pastas papeleiras, de pinho e eucalipto

que se coadune com as capacidades acima encontradas; como primeira fase do projecto de reestruturação a apresentar à Administração Central;

5. Elaborar um projecto de desenvolvimento dos sectores papeleiro e gráfico e transformador de papéis, em perfeita sintonia e por fases, por forma a exportar a maior valia, até aos limites das disponibilidades máximas das pastas papeleiras nacionais e papéis velhos (canalizar apoios para melhor aproveitamento das unidades já instaladas e não financiar novas instalações, que além de requererem um investimento mais elevado, são de rentabilidade duvidosa).

Pela nossa parte, julgamos que este documento é já uma contribuição válida para a construção de um projecto de envergadura nacional, dando nova vida e futuro a empresas hoje em difícil situação, consolidando e criando novos postos de trabalho e trazendo vultuosa soma de divisas à nossa deficitária balança de pagamentos. Não deixaremos no entanto de acompanhar a elaboração do projecto, como é nossa obrigação.

A convite da Associação das Indústrias de Papel e Cartão estiveram nesta cidade no último fim de semana onde visitaram diversas fábricas do sector, inclusive a «Pextrafil» em Viseu, o director e subdirector das Indústrias Transformadoras e Ligeiras e os presidentes do Instituto Florestal e do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais que tomaram conhecimento, «in loco», da capacidade do parque industrial do sector.

PARA A CÂMARA MUNICIPAL

AS CRIANÇAS DO PATRONATO VALEM 30 ESCUDOS POR ANO

Está-se no Ano Internacional da Criança. Debates, conferências se fazem acerca dos direitos da criança. Tentam-se solucionar os muitos problemas que há a fazer pela criança.

Tudo isto muito lindo de se dizer. Só que na prática pouco se trabalha para minorar os ditos problemas. E são tantos!

O Patronato de Espinho é um exemplo flagrante.

Cento e setenta crianças têm o conforto, o carinho, a assistência que em casa não encontram.

Os responsáveis pelo Patronato vêem-se a braços economicamente dado não terem apoios financeiros que contrabalançam as despesas. Só para os funcionários dispense 60 e 70 contos. Se a Solverde não tivesse contribuído com 100 mil escudos, o pessoal não receberia o subsídio de férias. E quanto a subsídios receberam um de 5 mil escudos da Câmara e outro de 2 mil escudos da Junta.

Outra dificuldade é a de arranjar técnicos. Estes preferem trabalhar para o Instituto de Família e Acção Social, pois encontram outras condições de traba-

lho, outras regalias, outras remunerações que o Instituto de Organização Social a que o Patronato pertence não lhes concede. E não se compreende que assim aconteça quando ambas as organizações estão ligadas ao Ministério dos Assuntos Sociais.

No ano passado as crianças tiveram dois meses de praia e campo. Mas este ano tal não acontecerá. Irão de manhã para a praia e de tarde para o parque já que o dinheiro disponível não dá para mais.

Embora para o Patronato seja um problema de somenos aflição, é curial já que de um momento para o outro podem receber uma ordem de despejo. Não por não pagarem a renda ao senhorio. Por terem feito obras de beneficiação e de ampliação que verbalmente o senhorio autorizou. Mas o proprietário morreu e a família alegando ter havido obras sem autorização tentou vender o edifício ao Patronato, não chegando a Direcção até hoje a saber qual a quantia que querem, pois pediam 3 mil contos e depois 4 mil e 500 contos.

Não é só o Patronato de Espinho com problemas monetários. O Infantário de Paramos está sem dinheiro. Até hoje só receberam um subsídio de 100 contos da Junta de Freguesia. E se os subsídios não aparecem terá de encerrar as suas portas, ficando 60 crianças sem assistência. Para a Direcção que gostaria de ver muitas mais crianças, já que naquela freguesia há muitas crianças sem um lar, sem refeições apropriadas, esperam que as entidades superiores, bem como a Cruzada de Bem Fazer do Porto, a que o infantário pertence, dêm o apoio monetário necessário a que esta obra albergue muitas mais crianças.

Como dizíamos no princípio, tanto se fala da criança, tanto se propala sobre as necessidades da criança, mas tão pouco se faz para minorar o sofrimento. E aquelas que alguma coisa tentam pôr em prática vêem-se cortadas por falta de meios.

E a criança continua a sofrer...

PEIXE FRESCO PODE FALTAR

Os comerciantes de pescado esperam que até ao fim do mês seja revisto o Decreto-Lei 174/79 que os obriga à taxa de 2 % sobre o pescado adquirido na lota e que se cifra em apenas 0,5 % para o industrial de conservas.

No pretérito dia 2, a Associação dos Comerciantes de Pescado reuniu-se em assembleia geral para debater o assunto e em comunicado divulgado acederam em não tomar medidas de pressão que consideram justas e que apontam para a necessidade urgente duma revisão de toda a legislação respeitante ao comércio de peixe fresco com cerca de 20 anos de existência. Insurgem-se contra o

decreto, exigindo a sua revogação, não podendo aceitar «a discriminação de tratamento relativamente aos industriais de conservas».

Saliente-se que os comerciantes de vários centros piscatórios, entre eles os de Peniche, Figueira da Foz, Olhão e Portimão já haviam decidido não adquirir peixe enquanto subsistir aquela taxa, tendo agora optado por um adiamento da medida devido à assembleia geral da associação para darem tempo que o titular da Secretaria das Pescas revogue o Decreto que segundo os comerciantes não resolverão «os muitos problemas existentes nos Serviços de Lotas e Vendagens».

Se a partir do próximo mês o citado decreto continuar em vigor, os comerciantes poderão assumir formas de luta que trarão graves consequências não só para eles como para os armadores, pescadores e público em geral, já que o problema das taxas se arrasta há mais de dois anos «e provem do facto das receitas das lotas serem insuficientes para suportar os custos respectivos, não obstante os encargos deveras elevados que pesam já sobre os proprietários do pescado, os únicos que, até à data e muito compreensivelmente suportavam, através de taxas, os encargos dos serviços das lotas».

MILITANTES DO PSD COMPRAM JORNAL NOS AÇORES

O matutino «O Correio dos Açores» acaba de ser comprado por um grupo de militantes do PSD, entre eles João Vasco Paiva, deputado à Assembleia da República, Jeremias Pimentel, director-geral do Comércio e Almeida e Sousa, presidente do conselho de administração da transportadora aérea açoreana SATA, estando este mesmo grupo em negociações para a aquisição do vespertino «Diário dos Açores» com 110 anos de existência para o passar a semanário.

Com 60 anos de existência, «O Correio dos Açores» desde Maio de 75 que era propriedade dos trinta e quatro trabalhadores da empresa, tendo sido subsidiado pelo Ministério da Comunicação Social no tempo do general Galvão de Figueiredo.

A nova administração demitiu do cargo de director, Sílvio Couto, passando a exercer as funções interinamente Osvaldo Cabral.

Futuramente «O Correio dos Açores» passará a vespertino, fi-

cando Ponta Delgada somente com o «Açoriano Oriental» como matutino.

TABULETAS DE PARAGEM DE AUTOCARROS JÁ HÁ, MAS...

Verificamos que andaram a montar em diversos locais da nossa cidade, tabuletas indicativas da paragem dos autocarros, subentendendo-se que se trate de um serviço para os malfadados transportes urbanos de Espinho, que nunca mais chegam a ter as condições que se impõem para uma boa prestação de serviços.

O primeiro passo está dado; agora espera-se que noutra arrancada, surjam os abrigos junto às respectivas paragens e mais tarde os autocarros, depois de pintados todos iguais, deixem de trazer colados aqueles papeluchos à laia dos circo, que para fazer a propaganda colam em todas as janelas panfletos.

Portanto, mais dia menos dia, ou... ano menos ano, temos um serviço completo e digno da estância de turismo que somos...



DESSPORTOS



SANTOS LUÍS e não só... a Mafia no Futebol Português

...QUEM NÃO QUER O UNIÃO DE LAMAS NA I DIVISÃO?

De um grupo de sócios do Clube de Futebol União de Lamas recebemos a seguinte carta que, apesar da sua extensão, publicamos, pela importância do tema, na íntegra:

Tudo começara em Leiria. Um homem que se diz árbitro (juiz) do futebol, que se dá pelo nome de Marques Pires, de Setúbal, valida um golo marcado com a mão perante cerca de 20 000 pessoas, e mais tarde perante milhares de telespectadores.

Protesta um pequenino clube duma aldeia pequena, que daquela forma se vê espoliado de ser campeão duma II divisão que dava acesso directo ao escalão maior do futebol português. Estes protestos, confirmados pela justiça das informações correctas de todos os jornais desportivos de Portugal e até por um jogador leiriense ficam por ali. E assim se assiste ao clube duma grande cidade, ocupar o lugar que por justiça pertencia a um pequeno clube duma pequenina aldeia.

Cairá já o pano naquele triste acontecimento. Ir-se-ia viver momentos difíceis, na disputa ainda dum lugar ao sol, através duma pequena competição chamada de Liguilha. Mais um esforço iria ser tentado pelo pequenino clube duma pequenina aldeia laboriosa, acompanhado aliás por todos os seus habitantes que viviam ainda na «ilusão» da visita próxima dos Portos, Benficas, Sportings e outros grandes do futebol português.

Com mais um tremendo esforço de toda a população de Santa Maria de Lamas, se contrata à última hora um treinador de nomeada, que possa tentar levar o pequenino clube da pequenina aldeia à I divisão sonhada. São mais umas centenas de escudos «roubados» ao orçamento familiar de cada um. O sonho continua vivo, havia que alimentá-lo.

E renasce a esperança, quando se derrota a equipa representativa da cidade alentejana de Évora, por um concludente 4-0. Logo de seguida aparece uma desilusão com a derrota em casa por 0-1 frente ao Rio Ave, equipa de Vila do Conde, linda vila turística da nossa Costa Verde. Mas assiste-se com respeito e ordem à festa que adeptos vilacondenses fazem em Santa Maria de Lamas logo que termina o jogo. A meta desejada estava agora mais distante do pequenino clube da pequenina aldeia.

Mas outros resultados foram alcançados e tudo ficou colocado quase como no princípio, de tal modo que o jogo Rio Ave-União de Lamas seria de «vida ou de morte» para as aspirações lamasenses.

E aconteceu o jogo, num dia de semana, em Vila do Conde. Mesmo assim, o recinto de jogos do Rio Ave apresentou uma enchente de 10 mil pessoas que viriam a assistir ao roubo escandaloso perpetrado por um homem sem qualquer tipo de personalidade, em desfavor dum pequenino clube duma pequenina aldeia, beneficiando agora o grupo representativo da bonita vila de Vila do Conde.

Foi dramático demais assistir-se, durante cerca de 7 minutos, àquilo que um homem pode e consegue fazer perante 10 mil pessoas estupefactas. É difícil poder-se, em poucas linhas, dizer-se tudo o que aconteceu naqueles minutos em que a MAFIA DO FUTEBOL PORTUGUÊS traba-

lhou completamente à vontade, perante a passividade da justiça, que por sinal viria a guardar o autor dum roubo espectacular, confirmado ali por 10 mil adeptos do futebol, muitos jornalistas e perante as câmaras da televisão, que, espera-se, possa desmascarar medonha atitude, negando afirmações feitas depois da hora, pelo desonesto homem do apito, que veio de Coimbra, se chama Santos Luís.

O «fantoche» já havia feito a sua apresentação no campo de jogos do Fafe, em jogo recente, beneficiando daquela vez um clube grande (mais um) da cidade capital de Portugal.

A HISTORIA DA ENCENAÇÃO E DO TEATRO: A certa altura o homem de NEGRO aponta a marca de grande penalidade contra a equipa local. O resultado era de 1-1. Faltavam 12 minutos para a «palhaçada» terminar. Afasta os primeiros «protestantes» vilacondenses que sempre existem quando na marcação destas faltas.

Aponta de novo a marca «fatal», para que possa ser cobrada a falta feita por um defensor local sobre um avançado adversário. Os protestos Vilacondenses aumentam. Directores (?) do clube local, apoiados pelo treinador Pedro Gomes agarram o homem do apito, empurram-no, seguram-lhe a camisola com gestos de desforço, o que leva parte dos adeptos do clube local a tomarem a mesma atitude ameaçadora. Furam a rede de vedação do campo, em 12 lados pelo menos, alguns entram mesmo no campo e fazem companhia aos directores e treinador do Rio Ave. Seria a invasão total, seria o «inferno» se o HOMEM DE NEGRO é digno de seu nome de juiz.

Pressionado fortemente, treme da sentença que havia dado à jogada faltosa merecedora de grande penalidade (como havia sido já a que minutos antes apontara contra o U. Lamas). Vacila... Cai. Cai um homem, cai a dignidade dum juiz. Espolia um pequenino clube duma pequenina aldeia, que a transformar a falta se via de novo entre os grandes do futebol português, de lá já por uma vez afastado pela decisão errada doutro homem do mesmo ofício. Cai Santos Luís, e com ele arrasta o desespero dos jogadores do U. Lamas. Caíra Santos Luís, depois de bem agitado (como se aconselha com certas drogas). A partir de então, o «fantoche» veste realmente a «farda» que lhe é apropriada, vindo para os jornais mentir que nunca apontara a marca de grande penalidade, negando a verdade a que 10 mil pessoas assistiram.

Tudo consumado. O União de Lamas protesta o jogo, que o Luís mandou marcar canto, quando havia interrompido o jogo na altura em que o G. redes do Rio Ave tinha a bola nas mãos. Que vai isto adiantar? Gastar mais alguns milhares de escudos. Tirar da boca das pessoas honestas mais umas migalhas de pão ganho com suor de honesto trabalho, para dar de beber à encenação da MAFIOSA equipa que continua, impune, a actuar no futebol português.

Que raio de Federação tem o Futebol Português que envia para um jogo de capital importância um «fantoche» daqueles? Não será aquela tão culpada como este? Onde se pode encontrar um tribunal que julgue casos destes, dando razão e um

pouco de justiça aos que são ROUBADOS, ESPOLIADOS? Quem paga a dor dum população que viveu horas amargas para alimentar o sonho dum ano, destruído num segundo de covardia por um homem de negro vestido, tal como a cor da sua alma?

Qual o crime que cometeu SANTA MARIA DE LAMAS para não a deixarem estar representada pelo seu União de Lamas na prova máxima do Futebol Português. Não vem no Mapa?

Pois não, mas vou dar alguma ajuda aos que nos possam ler, e sentir que este clamar de justiça é de

toda uma gente laboriosa, que desde ontem vive verdadeiros momentos de desespero:

SANTA MARIA DE LAMAS, pequenina aldeia representada pelo UNIÃO DE LAMAS, fica nos confins do Distrito de Aveiro, bastante perto do Porto. Santa Maria de Lamas, uma das aldeias mais laboriosas do país, com cerca de 90 unidades fabris (transformação de cortiça em rolhas) emprega toda a sua população activa e mais 4 ou 5 mil pessoas das terras circunvizinhas. Terra laboriosa e ordeira, que vive totalmente do seu trabalho. Terra com cerca de 8 000 habitantes a

quem foi roubado o pão que deixarem de meter na boca dos seus filhos para alimentar uma ilusão, que a Mafia do Futebol Português transformou na maior desilusão até hoje vivida. A QUEM PEDIR JUSTIÇA?

Depois de tantas lutas, depois de tanto suor, depois de tanta ilusão, conseguiram finalmente dar cabo, desportivamente, de Santa Maria de Lamas, da sua gente, que adora o seu querido União.

...Este último golpe foi demais. Sentimo-lo bem. E de que maneira.

Associados
do C. F. U. Lamas

NACIONAL DA I DIVISÃO 1979-80

1.ª JORNADA (26/8)

Benfica - V. Setúbal
Portimonense - R. Ave ou Lamas
Braga - F. C. do Porto
ESPINHO - Beira Mar
Boavista - Guimarães
Varzim - U. Leiria
Sporting - Estoril
Marítimo - Belenenses

2.ª JORNADA (2/9)

V. Setúbal - Marítimo
R. Ave ou Lamas - Benfica
F. C. do Porto - Portimonense
Beira Mar - Braga
Guimarães - ESPINHO
U. Leiria - Boavista
Estoril - Varzim
Belenenses - Sporting

3.ª JORNADA (9/9)

Setúbal - Rio Ave ou Lamas
Benfica - F. C. do Porto
Portimonense - Beira Mar
Braga - Guimarães
ESPINHO - U. Leiria
Boavista - Estoril
Varzim - Belenenses
Marítimo - Sporting

4.ª JORNADA (16/9)

Rio Ave ou Lamas - Marítimo
F. C. do Porto - Setúbal
Beira Mar - Benfica
Guimarães - Portimonense
U. de Leiria - Braga
Estoril - ESPINHO
Belenenses - Boavista
Sporting - Varzim

5.ª JORNADA (23/9)

Rio Ave ou Lamas - F. C. Porto
Setúbal - Beira Mar
Benfica - Guimarães
Portimonense - U. Leiria
Braga - Estoril
ESPINHO - Belenenses
Boavista - Sporting
Marítimo - Varzim

6.ª JORNADA (30/9)

F. C. Porto - Marítimo
Beira Mar - Rio Ave ou Lamas
Guimarães - Setúbal
U. Leiria - Benfica
Estoril - Portimonense
Belenenses - Braga
Sporting - ESPINHO
Varzim - Boavista

7.ª JORNADA (7/10)

F. C. Porto - Beira Mar
R. Ave ou Lamas - Guimarães
Setúbal - U. Leiria
Benfica - Estoril
Portimonense - Belenenses
Braga - Sporting
ESPINHO - Varzim
Marítimo - Boavista

8.ª JORNADA (21/10)

Beira Mar - Marítimo
Guimarães - F. C. Porto
U. Leiria - Rio Ave ou Lamas
Estoril - Setúbal
Belenenses - Benfica
Sporting - Portimonense
Varzim - Braga
Boavista - ESPINHO

9.ª JORNADA (4/11)

Beira Mar - Guimarães
F. C. Porto - U. Leiria
Rio Ave ou Lamas - Estoril
Setúbal - Belenenses
Benfica - Sporting
Portimonense - Varzim
Braga - Boavista
Marítimo - ESPINHO

10.ª JORNADA (11/11)

Guimarães - Marítimo
U. Leiria - Beira Mar
Estoril - F. C. Porto
Belenenses - Rio Ave ou Lamas
Sporting - Setúbal
Varzim - Benfica
Boavista - Portimonense
ESPINHO - Braga

11.ª JORNADA (25/11)

Guimarães - U. Leiria
Beira Mar - Estoril
F. C. Porto - Belenenses
Rio Ave ou Lamas - Sporting
Setúbal - Varzim
Benfica - Boavista
Portimonense - ESPINHO
Marítimo - Braga

12.ª JORNADA (9/12)

U. Leiria - Marítimo
Estoril - Guimarães
Belenenses - Beira Mar
Sporting - F. C. Porto
Varzim - Rio Ave ou Lamas
Boavista - Setúbal
ESPINHO - Benfica
Braga - Portimonense

13.ª JORNADA (16/12)

U. Leiria - Estoril
Guimarães - Belenenses
Beira Mar - Sporting
F. C. Porto - Varzim
Rio Ave ou Lamas - Boavista
Setúbal - ESPINHO
Benfica - Braga
Marítimo - Portimonense

14.ª JORNADA (30/12)

Marítimo - Estoril
Belenenses - U. Leiria
Sporting - Guimarães
Varzim - Beira Mar
Boavista - F. C. Porto
ESPINHO - Rio Ave ou Lamas
Braga - Setúbal
Portimonense - Benfica

15.ª JORNADA (6/1/80)

Estoril - Belenenses
U. Leiria - Sporting
Guimarães - Varzim
Beira Mar - Boavista
F. C. Porto - ESPINHO
Rio Ave ou Lamas - Braga
Setúbal - Portimonense
Benfica - Marítimo

Acrescente-se que as jornadas da segunda volta estão marcadas para as seguintes datas:
16.ª em 20/1; 17.ª em 27/1; 18.ª em 10/2; 19.ª em 24/2; 20.ª em 2/3; 21.ª em 9/3; 22.ª em 16/3; 23.ª em 23/3; 24.ª em 30/3; 25.ª em 13/4; 26.ª em 20/4; 27.ª em 27/4; 28.ª em 26.ª em 4/5; 29.ª em 11/5; 30.ª em 18/5.

Leia, assine e divulgue «DE»

DESPORTO

ANDEBOL

Ao vencer no sábado o Santama por 23-10 a equipa dos Juvenis do Sporting Clube de Espinho classificou-se para a final do torneio organizado pela A. de Andebol do Porto em disputa da Taça em epígrafe, tendo como adversário o Desportivo da Póvoa.

O resultado da final, 21 a 20 favorável à equipa Espinhense, não reflecte de maneira nenhuma a manifesta superioridade evidenciada pela turma dos tigres da Costa Verde.

Na realidade os Juvenis Espinhenses, mercê dum trabalho em profundidade, possuem já uma bagagem técnica-táctica muito apreciável, que lhes permitiu vencer todos os jogos efectuados até à final agora relatada.

Nas finais foram utilizados os seguintes jogadores:

Jorge, Tozé, Ramiro, 10 — Zé Carlos, 13 — C. Alberto, 6 — João, 7 — Alberto, 2 — Viana, 5 — Paulo, 1 — Dr. Fernando e Oscar.

Saliente-se a boa técnica de todos os elementos e o seu espírito colectivista.

Auguramos um bom futuro à maioria dos seus elementos, se continuarem a trabalhar com o entusiasmo com que têm treinado até aqui, demais que o seu treinador, prof. António Canelas, irá ter mais tempo para os preparar, já que foi colocado numa terra próxima de Espinho.

ATLETISMO

GRANDE PRÉMIO DO S. JOÃO DAS FONTAINHAS

Organizado pela Associação de Moradores da Zona das Fontainhas (Porto), disputou-se no passado domingo de manhã o Grande Prémio do S. João das Fontainhas, que incluía uma prova para veteranos com mais de 35 anos, na distância de 2000 metros. Alinharam nessa prova cerca de cinco dezenas de atletas à partida, 5 do S. C. Espinho, e obtiveram as seguintes classificações:

- 1.º — Ilídio Silva
- 5.º — José Gomes
- 11.º — José Leites
- 13.º — Valentim Figueiras
- 21.º — António Almeida

Por equipas: 2.º — S. C. E.

Estes veteranos do SCE andam na mó de cima, especialmente Ilídio Silva.

* * *

Realizou-se mais um Torneio de Preparação na pista do CDUP, onde atletas do S. C. Espinho estiveram presentes. Eis os resultados técnicos:

Torneio de Preparação

Masculinos — 200 metros (5.ª série): 4.º, Raul Silva, 26.2s.; Triplo Salto: 8.º, Raul Silva, 10,25 m.; 1500 metros (1.ª série): 4.º, Alberto Silva, 4.13,4s.; 7.º, Francisco Gomes, 4.15,5s.; 9.º, Alvaro Sá, 4.17,0s.; 13.º, António Carva-

lho, 4,24,0s.; (2.ª série): 11.º, Luís Carvalho, 4,38,0s.; 17.º, António Ribeiro, 5,07,0s.; (3.ª série): 6.º, Manuel Luz, 4,23,0s.

Casal Ribeiro em destaque

O saltador (altura, comprimento e triplo) Casal Ribeiro, atleta do S. C. E., a cumprir serviço militar, esteve em evidência nos Campeonatos Militares da Força Aérea ao obter um 1.º, 2.º e 3.º lugares na classificação final do triplo salto, salto em comprimento e salto em altura, respectivamente, além de superar todas as suas melhores marcas pessoais. Os resultados técnicos:

Salto em altura — 3.º, Casal Ribeiro, 1,78 m.
Salto em comprimento — 2.º, Casal Ribeiro, 6,02 m.
Triplo salto — 1.º, Casal Ribeiro, 12,51 m.

Atleta do Sporting C. P. em Espinho

O atleta leonino Rui Silva (saltador em altura) encontra-se desde já a algum tempo nesta cidade a viver... e a treinar. No último fim-de-semana aquele atleta representou Lisboa — em salto em altura — no encontro «Resto do País-Lisboa», realizado no estádio do CDUP e obteve o 1.º lugar, sendo o único a transpor a fassa a 1,91 m. Lembremos que ele tem como melhor marca 2 metros.

Manuel Luís

AUTOMOBILISMO

Terminou no pretérito domingo o «Rali Internacional de Espinho de Automóveis Antigos».

É de salientar que houve apenas duas desistências, o que significa que as velhas máquinas ainda conseguem fazer ver às mais sofisticadas de agora.

No final os concorrentes classificaram-se pelas cinco categorias da seguinte forma:

CATEGORIA «CONTEMPORÂNEOS» — ATÉ 1958 — 1.º, Manuel Costa Simões, em «Rover», de 1958, 160 pontos; 2.º, José Vilaça, em «Bentley», de 1947, 580 pontos; 3.º, Rui Souto, em «Bentley», de 1958, 2 090 pontos; 4.º, Henrique Madureira, em «Triumph», de 1956, 5 670 pontos; 5.º, Osvaldo Ferreira, em «Mercedes-Benz», de 1953, 14 080 pontos.

«CLASSICOS» — ATÉ 1945 — 1.º, Eduardo Arbuez, em «Austin», de 1931, 2 850 pontos; 2.º, António Lencastre, em «Ford», de 1935, 3 210 pontos; 3.º, João Lopes da Silva, em «Ford», de 1934, 5 130 pontos; 4.º,

Joaquim Teixeira de Sousa, em «Austin», de 1947, 6 800 pontos; 4.º, Joaquim Oliveira, em «Chevrolet», de 1933, 10 990 pontos.

«VINTAGENS» — ATÉ 1930 — 1.º, António Simões Nunes, em «Fiat» de 1927, 60 pontos; 2.º, José Renato Ferreira, em «Erskine Studebaker», de 1929, 150 pontos; 3.º, José Manuel Azevedo, em «Lância», de 1927, 100 pontos; 4.º, António Castro Lopes, em «De Sotro», de 1930, 8 620 pontos; 5.º, Gerardo Moreno, em «Ford», de 1929, 10 270 pontos.

«VETERANOS» — ATÉ 1918 — 1.º, Fernando Santos Martins, em «Cadillac», de 1918, 10 pontos; 2.º, Elio Amorim, em «Rolls Royce», de 1914, 1 390 pontos; 3.º, Manuel Pestana, em «Hispano-Suiza», de 1913, 20 590 pontos; 4.º, Juan Curto Masano, em «Vauxhall», de 1908, 21 660 pontos.

«PIONEIROS» — José Maria Puigcerver (único concorrente) em «Clement», de 1903, 55 710 pontos.

A noite, no Casino de Espinho foi efectuada a distribuição de prémios aos concorrentes.

A CASA QUE FALTAVA EM ESPINHO NOVELO

Tudo para Tricot e Crochet

Rua 18 n.º 584 — Espinho — Frente ao Banco Espírito Santo

VENDE-SE

Prédio sito na Rua 62 n.ºs 248 e 252.

Contactar telef. 921475

FONSECA

MODAS — TECIDOS

RUA 19, N.º 275 — Telefone, 920413 — ESPINHO

DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS FERREIRA DE CAMPOS

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922218

ESPINHO

Casa Romeu

Rua 19, n.º 299
Telef. 921433



ESPINHO

Oculista Vitó

Rua 19, n.º 242
Telef. 921433

Duas casas onde o bom gosto impera

ÓPTICA ESPECIALIZADA ★ NOVIDADES ★ BOUTIQUE

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

MATRICULAS

Já se encontram abertas nesta Academia as matrículas para o próximo ano lectivo de 1979/80.

As necessárias instruções estão afixadas nos gerais do átrio da Academia.

Restaurante-Bar da Piscina

ALMOÇOS — JANTARES

SERVIÇOS A LISTA

Especialidade em frango à Lokinhas

Preços especiais para Banquetes com todas as garantias

Dirigido por ARMINDO AZEVEDO

TELEFONE, 920153 — ESPINHO

VENDE-SE

Prédio com os n.ºs 85 e 87, sito na Rua 13 - frente.

Hotel Praiagolfe.

Falar telef. 920915.

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

LUSO-CELULOIDE

DE

HENRIQUES & IRMÃO, L.ª

★

APARTADO 22 — TELEFONE, 922193

ESPINHO

MANUEL PEREIRA FONTES & C.ª, L.ª

— FABRICA DE TAPEÇARIAS

Importação

Exportação

Tapetes e Carpetes manuais — Passadeiras, tapetes, carpetes e alcatifas mecânicas «Wilton» e «Axminster» com desenho «REALCE»

Telex 22255 — Fontes - P

Telefs.: 921316/7/8

SILVALDE — ESPINHO

CASA ANGÉLICA

Rua 19, n.º 209 — Telefone, 920236

MODAS — MALHAS — MIUDEZAS

Exclusivistas das malhas «SIDNEY» e produtos «John Player Special».

PASSA-SE

BAZAR DE BRINQUEDOS

RUA 19 N.º 237
Telefone 920164 — ESPINHO

TELEVISÃO

1.º CANAL

SEXTA-FEIRA, 13

- 19,00 — Abertura
- 19,02 — Viagem à Lua (2.ª parte)
- 19,25 — Manuel e Beatriz
- 19,30 — Jornal RTP - 1
- 20,30 — O jogo da verdade
- 21,10 — Boletim meteorológico
- 21,15 — Em questão
- 22,10 — Eu Cláudio
- 23,10 — 24 horas
- 23,25 — Fecho.

SÁBADO, 14

- 17,00 — Abertura e sumário
- 17,05 — Novos horizontes
- 17,25 — O mundo à tua espera
- 18,00 — 10 milhões de consumidores
- 19,00 — Concerto juvenil do Mónaco (2.ª parte)
- 19,25 — O seu motor
- 20,00 — Manuel e Beatriz
- 20,30 — Jornal RTP - 1
- 21,30 — Alamedas da noite «O Pequeno César»
- 23,00 — 24 horas
- 23,05 — Fecho.

DOMINGO, 15

- 13,30 — Abertura e Eucaristia dominical

- 14,30 — Sumário
- 14,35 — Falemos de agricultura
- 15,00 — Entre barreiras
- 15,30 — Peter Lundy e o cavalo índio

- 17,00 — ABC da culinária
- 17,30 — Abelha Maia
- 18,00 — Grande encontro
- 20,00 — Enciclopédia do espectáculo

- 20,25 — Manuel e Beatriz
- 20,30 — Jornal RTP - 1
- 21,10 — 4 300 minutos
- 21,40 — Ao piano... Rui Guães
- 22,10 — O Mayor de Casterbridge (3.º episódio)

- 23,05 — 24 horas
- 23,10 — Fecho.

2.º CANAL

SEXTA-FEIRA, 13

- 20,30 — Abertura
- 20,32 — D. Bárbara (5.º episódio)
- 21,30 — Informação/2
- 22,00 — HELP — «Socorro»
- 23,00 — Fecho.

SÁBADO, 14

- 20,30 — Abertura
- 20,32 — Som de palco

- 22,00 — Cartas na mesa
- 23,30 — Desporto/79
- 23,00 — Fecho.

DOMINGO, 15

- 20,30 — Abertura
- 20,32 — O homem aranha
- 21,00 — Dia-a-dia
- 21,30 — Informação/2
- 23,00 — Fecho.

FARMÁCIAS

TURNO B

Sexta-feira — Farmácia Santos — Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331

Sábado — Farmácia Paiva — Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250

Domingo — Farmácia Higiene — Rua 19, n.º 393 — Telef. 920320

Segunda-feira — Grande Farmácia — Rua 62, n.º 457 — Telef. 920092

Terça-feira — Farmácia Teixeira — Rua 19, n.º 46 — Telef. 920352

Quarta-feira — Farmácia Santos — Rua 19, n.º 263 — Telef. 920331

Quinta-feira — Farmácia Paiva — Rua 19, n.º 319 — Telef. 920250

CASINO DE ESPINHO



jantares concerto

slot machines

cine teatro

★ MÚSICA DE BAILE

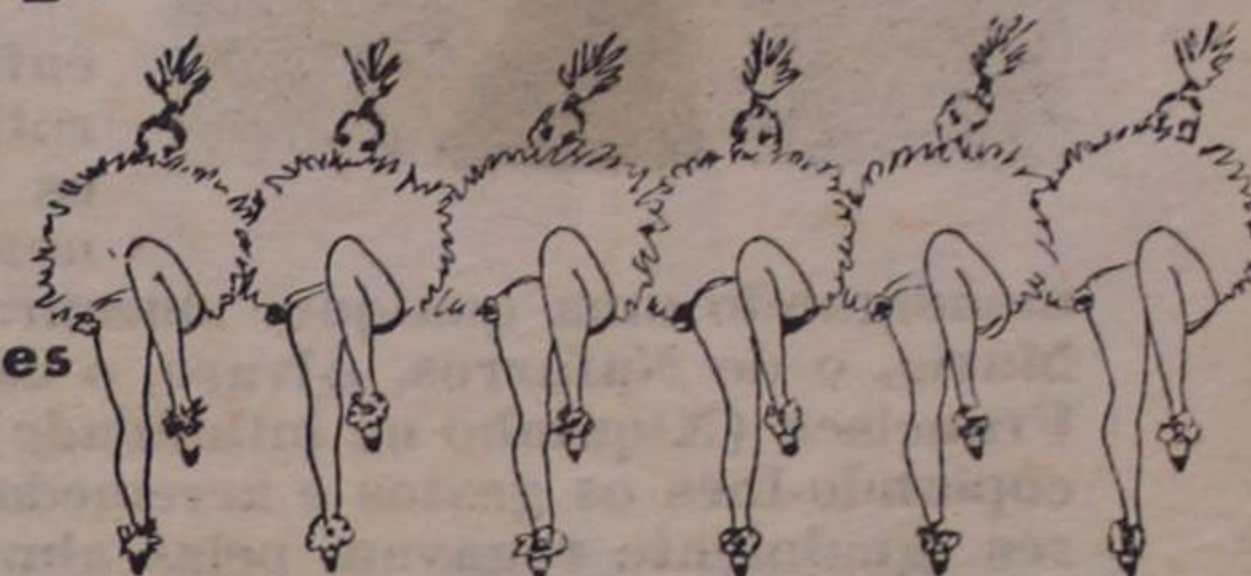
Pelos afamados Conjuntos SAMBA 4 AFTER LOVE

★ RESTAURANTE-BOITE


ESMERADO SERVIÇO SEGUIDO DE BAILE DE VARIEDADES

★ VARIEDADES

- FOLLIES BALLET SHOW Ballet Inglês
- LES APHRODITES Acrobatas Franceses
- ANA ROSMANINHO Fadista



ONDE O NORTE SE DIVERTE • Tel - 920238



CONCURSO da RTP/2

RTP Radiotelevisão Portuguesa, EP Apartado 1266 1008-Lisboa-Codex

CONCORRENTE

Nome.....

Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....


ACOMPANHANTE

Nome.....

Morada.....


Localidade..... Telf..... Distrito.....

CONCURSO



cole no endereço postal

IMPORTANTE: Escrever em letra bem legível os nomes do par de concorrentes. O boletim deve ser recortado pelo tracejado e remetido ao Apartado 1266-1008-Lisboa-Codex, colado em postal modelo normal dos CTP



CONCURSO da RTP/2

RTP Radiotelevisão Portuguesa, EP Apartado 1423 1012-Lisboa-Codex

Sessão Nº.....

Filme.....


Data de emissão do Filme..... / .. / .. RTP/1 RTP/2

Nome.....

Morada.....

Localidade..... Telf..... Distrito.....

CONCURSO



cole no endereço postal

IMPORTANTE: Escrever em letra bem legível, título do filme a resposta e o nome do concorrente. O boletim deve ser recortado pelo tracejado e remetido ao Apartado 1423 1012-Lisboa-Codex, colado em postal modelo normal dos CTP

SURDEZ CENTRO AUDITIVO

A BOA AUDIÇÃO É SEMPRE NECESSÁRIA

Consulte os técnicos do CENTRO AUDITIVO para experiências grátis, na localidade mais próxima da sua residência:

VILA DA FEIRA — 6.ª-feira, dia 19 de Julho
FARMÁCIA ARAÚJO Das 16,30 às 17,30

ESPINHO — 6.ª-feira, dia 20 de Julho
FARMÁCIA TEIXEIRA Das 9,00 às 10,00

Os modernos aparelhos de correcção auditiva de nossa representação, são de audição direccional com dupla captação (sem ruídos ou ressonâncias).

TÉCNICA • GARANTIA • QUALIDADE

Sede em LISBOA — Rua da Prata, 227-1.ª-E — Telef. 325282

VENDE-SE EM ESPINHO

RUA 4 ESQ. 35

Prédio de Gaveto com 9 apartamentos construção de 1.ª, paredes duplas, escadas de mármore, revestido a pastilha e caixilharia de alumínio.

Aparcamento para carros dos apartamentos e ainda 1 armazém e garagem para 2 carros na cave.

Devidamente legalizado para compra do seu apartamento através do crédito à habitação ou poupança de crédito para Emigrantes.

MANUEL SALGUEIRO, Apartado 80 — ESPINHO
 Telef. 922036 - 922174 - 920811.

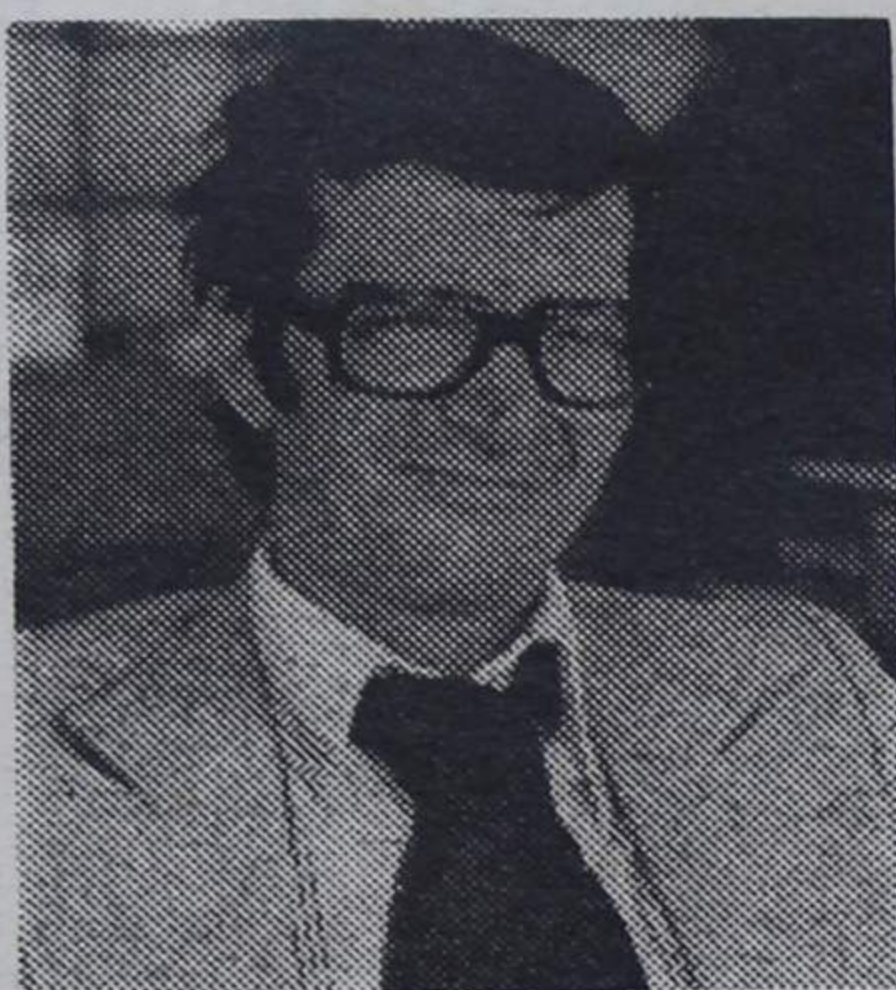
TRESPASSA-SE

Fábrica de Precintos e Material de Embalagem em laboração na Rua 31 n.º 852 e Armazém de Vendas na Rua 15 n.º 545 por motivos de saúde.

Falar pelos telefones n.ºs 920210, 921092 ou nas moradas acima.

O CAUDILHO

por: **ERCÍLIO DE AZEVEDO**



O grande homem, o profeta contestado e incontestado da ideia última e também a derradeira, subiu penosa mas gostosamente os degraus da Torre de Belém e daí, com um gesto largo e profundo, varreu de terra, mar e céu as pequenas nuvens amontoadas em todos os horizontes.

D. António II, o caudilho, génese de uma nova e, porventura, inclita dinastia, inaugurava, assim, o seu reinado de presidente-rei ou de rei-presidente, ninguém sabia

Em baixo, acorados, pálidos e enfiados, mirando timidamente a nova e rutilante estrela do firmamento político, os chefes dos clãs erguiam as mãos em mudas e lancinantes súplicas, como que

mendigando uma qualquer sinecura no futuro consulado. Estavam todos! Mário, o de Nafarros, Alvaro, o da Barreirinha, Diogo, o de Amareleja e Francisco (Xiquinho na intimidade) o guardador de carneiros. Junto deles, copiando-lhes os gestos e arremedando-lhes os lugares, os secretários-mores igualmente rogavam pelas alminhas dos defuntos mortos uma postazinha na bacalhoadá com todos há muito prometida.

D. António II, o caudilho, dignou-se descer por momentos das suas alturas e dos seus sonhos de grandeza imperial para fitar com um olhar sarcástico e verrinoso os pobres de pedir amontoados nos degraus da Torre como mendigos chagados em caminhos de romaria.

Suspensos dos seus lábios, aguardando a mágica promessa, o sim pagaeiro ou o não descoroçoador, os donos dos clãs esperavam, esperavam, esperavam...

O caudilho traçou a capa castrense com uns ademanos juanescos, limpou a um lenço de assoar os óculos fumados e, semicerrando as pálpebras altivas, alargou a mão protectora e propiciadora sobre a multidão, fechando-a logo em seguida para evitar esperanças vãs ou sobressaltos cardíacos...

D. António II, o Caudilho, sempre tão parco de pensamentos, palavras e obras, decidira-se, alfin, contestando todos e não confortando ninguém...

As sombras adensavam-se sobre a Terra. Uma escuridão protectora benevolente encobria os vultos que se afastavam pressurosos, na raiva cega e surda de irem movimentar capelinhas e agitar campanários...

Mas D. António II, o último caudilho, quedara-se de novo na contemplação dos astros, enquanto uma espada de fogo tingia os céus e riscava os espaços.

O caudilho segurou-a na dextra e logo ali, sem padrinhos nem convidados, armou-se cavaleiro como aquele Afonso de antanho

Será que D. António II não tropeçará na sua ponte de Alcântara?...

QUERES SER JORNALISTA?

Ser jornalista é não ter sono, nem horas de comer, é sacrifício, sacerdócio pela verdade, glória do quotidiano esquecida. É ser pela justiça, operário da palavra e dono do pensamento. É esforço, cansaça, devoção.

Mas é uma maravilha!

Se queres ser jornalista, em tempo inteiro, e como profissão, escreve-nos. Temos, no «Defesa de Espinho», uma vaga para ti.

Mais do que um emprego, ser jornalista, é um prazer.

Sente-o, sendo um dos nossos.

Envia o teu curriculum ao n.º 27.

E vai sonhando...

BEM GOSTAVA DE ACREDITAR!

Pouco me importa de ser dardejado — com o que cada um melhor entender por conveniente — ou alcunhado com epítetos que façam, ou não, parte das enciclopédias mais actualizadas desde que não me forcem a acreditar naquilo que a minha forma de ser, e estar, recusa, por inócuo ou dessoante me parecer. É um direito que me assiste e dele não tenho intenção de largar mão. Não, não me creiam teimoso nem me pensem — se pensarem — amigo de fazer pirraça embora seja zero já me ter ado a pensar, comigo mesmo, se serei, por mero acaso, «inteligência de macaco» por não entender aquilo que outros dizem entender em excesso.

É que, por mais que me tente, ou tentem, convencer do contrário, não acredito que neste país se encarem de frente problemas que nos afligem tais como a problemática da gente mais idosa, vulgo terceira idade, como também da gente hiper moça. Se neste último caso é certo que a nível mundial se resolveu dedicar este ano da graça a essas pérolas que serão os homens de amanhã, a verdade é que isso nem de perto, nem de longe, chegará... Não é com bonitas palavras, não! Obras meus senhores! Mais obras e menos palavreado e então sim venham mais dias a elas, às crianças, dedicados!

Do estado caótico a que chegou a economia deste depauperado e mal quisto país que se chama Portugal de tal estado de coisas parece que ninguém é responsável! Ninguém?... Talvez me queiram convencer que a melhor forma de resolver estes problemas é manipulando as massas para manifestações de rua, comícios, manifestações de «bota-abaixo», discursantes demagógicos. Que a melhor forma de recuperar a economia se processa com greves, justas ou injustas, legais ou selvagens. Que a todos interessa o constante estado de intermitente suspense com governo abaixo, governo acima como também não é de encerrar a aflitiva situação dos pensionistas ou reformados nem tão-pouco o roubo descarado de que cada um de nós é vítima nas vinte e quatro horas que cada dia comporta através da mais diversificada forma porque ninguém é capaz de deter a galopante inflação que nos aniquila. Sobem os preços mas a qualidade dos produtos decresce, enquanto eles sobem, mais baixa à terra o poder de compra da gente que neste país ainda trabalha. Chega-se ao deslante do consumidor ser burlado no preço, no peso e na qualidade! Que o digam as donas de casa!... Elas sabem a resposta que recebem, se protestam essas componentes (qualidade, peso e preço) «...Se quer tem que pagar este preço! Pode chamar a polícia que isso em nada me rala...».

Mas o custo de vida nos dificulta, cada vez mais, a nossa vivência não será menos verdade que a grassante falta de civismo e o assalto descarado, em plena luz do dia, são situações que, se não nos confundem, nos afligem enquanto não sejam banidas.

No fim de tudo o mais importante parece o constante desfilar de festas, oficiais ou particulares, viagens, muitas viagens que custam muitos, mesmo muitos, dólares ou marcos, a constante paralisação do trabalho por via das greves. Também não sei quanto custa, de forma directa ou indirecta, a guarida que damos a gente que nos seus países são considerada «persona non grata». Não seria mais benéfico, retirando o supérfluo, empregar o dinheiro na construção de escolas, parques infantis, jardins-escola, casas de repouso ou lares da terceira idade? Quem ousa dizer o contrário?

Oh! Gente tão amante do trabalho!... Quando pensardes numa greve em vez de perderes por causa delo o vosso salário perdei-o por coisa nobre! Que vos ocorra que há tanta gente, tanta, pequena e crescida faminta de pão e de agasalho!

LUSITANUS

GANHE MIL ESCUDOS

Como? É muito simples. Basta enviar-nos uma crónica, uma reportagem, uma entrevista, um artigo, sobre Espinho, e a «D. Maria» pode ser sua.

De facto, dentro de uma linha mais directa e actuante na defesa dos interesses do nosso concelho, com verdade, e na independência, o nosso jornal passa a premiar, todas as semanas, com mil escudos, o melhor trabalho que, sobre Espinho, nos for enviado.

Assim, o autor da peça jornalística que, em cada sete dias, mais contribua para o engrandecimento, desenvolvimento e progresso do nosso concelho, que melhor traduza o sentir da sua população quanto aos reais efectivos e inúmeros problemas que a afectam, pelo seu conteúdo de crítica, de denúncia, de análise, ou força documental, ajude a tornar maior o nome de Espinho, receberá uma nota de mil escudos.

O «Defesa de Espinho», para além de publicar todas as semanas, com o devido destaque, o trabalho premiado, reserva-se ao direito de fazer inserir nas suas páginas qualquer outro dos originais enviados pelos seus leitores.

Se sabe de algum caso em que, inconsciente ou deliberadamente, se esteja a prejudicar e a denegrir o nome de Espinho;

Se tem conhecimento de algum facto que tenha como consequência o desprestígio de Espinho;

Se possui elementos que ajudem a tornar Espinho maior e melhor;

Envie-nos o seu trabalho.

Temos mil escudos à sua espera!

DEFESA DE ESPINHO SEMANARIO



PORTE PAGO

Camara Municipal de Espinho

Rua -19

ESPINHO